

1

MINHA IRMÃ JUSTINE sempre acreditou que a melhor maneira de lidar com o medo do escuro é fingir que ele é passageiro.

Anos atrás, ela tentou pôr a teoria em prática enquanto estávamos deitadas, cada uma em sua cama, rodeadas pela escuridão. Protegida por uma fortaleza de travesseiros, eu tinha certeza de que o mal se escondia nas sombras, esperando minha respiração desacelerar para poder atacar. E toda noite Justine, um ano mais velha, porém décadas mais sábia, tentava pacientemente me distrair.

– Você viu o vestido lindo que a Erin Klein estava usando hoje? – ela perguntava, sempre começando com uma pergunta fácil para avaliar o tamanho do meu medo.

Eram raras as ocasiões, geralmente quando íamos tarde para a cama depois de um dia atarefado, em que eu estava cansada demais para ficar com medo. Nessas noites, eu concordava ou discordava, e tínhamos uma conversa normal até cairmos no sono.

Mas, na maioria das noites, eu sussurrava algo do tipo: “Você ouviu isso?”, ou “Você acha que a mordida de um vampiro dói?”, ou “Os mons-

tros conseguem farejar o medo?” Nesse momento, Justine passava para a segunda pergunta.

– Está *tão* claro aqui! – ela dizia. – Dá para ver tudo: minha mochila, minha pulseira azul cintilante, nosso peixinho dourado no aquário. O que *você* consegue ver, Vanessa?

E então eu me forçava a imaginar nosso quarto exatamente como ele estava antes de a mamãe apagar a luz e fechar a porta. No fim das contas, eu conseguia esquecer que o mal estava à espreita e caía no sono. Toda noite eu pensava que isso nunca daria certo, mas toda noite dava.

O método de minha irmã era bom para combater meus diversos outros medos. Mas, muitos anos depois, em pé no alto de um penhasco com vista para o oceano Atlântico, eu soube que ele não era totalmente eficiente.

– Simon não parece diferente neste verão? – ela perguntou, se aproximando de mim e torcendo os cabelos. – Mais velho? Mais bonito?

Concordei sem responder. A transformação física de Simon foi a primeira coisa que notei quando ele e o irmão, Caleb, bateram à nossa porta mais cedo. Mas essa era uma discussão para outro momento, quando estivéssemos nos aquecendo em frente à antiga lareira de pedra em nossa casa do lago. Primeiro, tínhamos de fato de conseguir voltar para casa.

– Caleb também – ela tentou novamente. – O número de meninas com o coração partido em Maine deve ter, tipo, quadruplicado este ano.

Tentei concordar com a cabeça, meus olhos fixos no redemoinho na água e na espuma quinze metros abaixo.

Justine enrolou uma toalha no torso e deu um passo em minha direção. Ela ficou tão perto que pude sentir o cheiro do sal em seus cabelos e exalando de seus poros, e o frescor de sua pele úmida como se estivesse pressionada contra a minha. Gotículas de água lhe caíam da ponta dos cabelos, batiam na pedra quente e lançavam gotas ainda menores em

cima dos meus pés. Uma súbita rajada de vento espalhou gotas sobre nós e ao nosso redor, transformando meu tremor em calafrio. Em algum lugar lá embaixo, Simon e Caleb riam enquanto se esforçavam para subir o caminho íngreme que os levaria à floresta e de volta a nós.

– É só uma piscina de mergulho – ela disse. – Você está em um trampolim meio metro acima dela.

Concordei com a cabeça. Foi nesse momento que fiquei pensando durante a viagem de seis horas de Boston, o momento que imaginei pelo menos uma vez por dia desde o último verão. Eu sabia que parecia mais assustador do que de fato era; nos dois anos desde que havíamos descoberto a placa da trilha antiga indicando este lugar isolado, longe de turistas e aventureiros, Justine, Simon e Caleb haviam saltado dezenas de vezes e nunca tinham ido embora com mais do que um arranhão. O mais importante era que eu sabia que sempre me sentiria inferior em nosso grupinho de verão se nunca mergulhasse.

– A piscina está aquecida – Justine continuou. – E, quando estiver dentro dela, tudo o que você tem de fazer é chutar duas vezes, e já vai estar nos degraus que levam à sua confortável cadeira de descanso.

– Será que um gatinho vai me trazer alguns drinques nesta confortável cadeira de descanso?

Ela olhou para mim e sorriu. Nós duas sabíamos como era. Se eu fosse coerente o bastante para fazer uma piada, era porque já tinha desistido.

– Desculpe, eu esqueci os abacaxis em casa – disse Caleb atrás de nós.
– Mas o gatinho está aqui e pronto para o serviço.

Justine virou-se para ele.

– Até que enfim. Estou congelando!

Quando ela se afastou da beira do penhasco, eu me inclinei para frente. Todo o alívio que senti naquele momento foi temporário, e minha decepção por não ser capaz de fazer o que havia prometido durante o ano todo só aumentaria quando fôssemos embora dos penhascos de

Chione. Naquela noite eu ficaria acordada na cama, sem poder dormir por causa da dor que sentiria por ser, mais uma vez, uma banana, uma criancinha.

– Sua boca está ficando roxa – disse Caleb.

Eu me virei e o vi sacudindo sua toalha de praia preferida, a única que já vi com ele, com o desenho de uma lagosta de óculos escuros e sunga, e a colocando em volta de Justine. Ele puxou minha irmã em sua direção e esfregou os braços e os ombros dela.

– Seu mentiroso! – ela sorriu para ele debaixo da capa felpuda.

– Você tem razão. Seus lábios estão mais para púrpura ou lilás, porque uma boca como essa é bonita demais para ficar com aquela cor azul cansativa e desbotada. Em todo caso, eu poderia aquecê-la.

Revirei os olhos e fui buscar meu *shorts* e minha camiseta. Justine havia feito sua própria promessa para o verão: não se prender a Caleb de novo, como havia feito no verão passado e no anterior. “Ele não passa de um *moleque*”, ela dizia. “Eu já terminei o ensino médio, e ele ainda tem o ano todo pela frente. Além disso, tudo o que ele sabe é tocar aquela guitarra caindo aos pedaços quando não está jogando *videogame*. Não dá para perder nem mais um segundo com um lance que nunca vai passar de horas intermináveis de amassos... por melhores que elas sejam.”

Quando perguntei por que ela não saía com Simon, que estava no segundo ano da Bates College e, conseqüentemente, tinha mais a ver com ela em termos de idade e mentalidade, ela franziu a testa.

– Simon? – repetiu. – O canal do tempo ambulante que fala sem parar? O gênio que está usando a faculdade como desculpa para estudar a formação das nuvens? Não, acho que não.

Justine não levou mais do que trinta minutos, tempo suficiente para tirarmos as malas do carro, fazermos um lanche e pularmos para dentro do velho Subaru de Simon, para quebrar a promessa que fez a si mesma. Ela não pulou no Caleb de imediato, embora estivesse claro que era isso

que queria fazer, a julgar pelo modo como seus olhos se iluminaram assim que o viu. Esperou estarmos dentro do carro e na estrada para lançar os braços em volta do pescoço dele e apertá-lo tão forte a ponto de deixar o garoto com o rosto vermelho.

Enquanto ela se aninhava no peito dele naquele momento, vesti minhas roupas e peguei uma toalha. Embora o sol tivesse saído e eu nem estivesse molhada, ainda tremia de frio. No extremo norte em Maine, as temperaturas no meio do verão não passavam muito de vinte graus, e o vento cortante sempre dava a sensação de uns cinco graus a menos.

– É melhor irmos embora – Simon disse de repente, saindo da trilha.

Ele podia ser o mais velho dos irmãos Carmichael, mais quieto, mais estudioso, características antes complementadas por um corpo magro e má postura, mas algo havia acontecido no ano passado. Seus braços, pernas e peito ganharam volume e, quando ele tirava a camiseta, eu podia de fato ver pequenos sulcos em seu abdômen. Ele até parecia mais alto, mais ereto. Parecia mais homem do que menino.

– A maré está mudando e as nuvens estão aparecendo.

Justine olhou para mim. Eu sabia no que ela estava pensando: canal diferente, mesma previsão.

– Mas a gente acabou de chegar – disse Caleb.

– E o pôr do sol? – perguntou Justine. – Todo ano a gente diz que vai ver daqui e nunca vemos.

Simon vestiu rapidamente uma camiseta que tirou da mochila, sem se preocupar em secar-se com a toalha.

– O sol ainda vai se pôr muitas vezes. Hoje vai ficar ofuscado por causa daquela tempestade que está vindo nessa direção.

Segui o sinal que ele fez com a cabeça em direção ao horizonte. Ou eu fiquei muito concentrada na água a ponto de não notar o céu ou o cobertor de nuvens escuras apareceu do nada.

– Eu vi a previsão antes de sairmos. Segundo a estação meteorológica, o céu ficaria claro até mais tarde hoje. Mas, ao que parece, temos apenas

uns vinte minutos para descer a montanha antes de começar a relampejar. – Simon balançou a cabeça. – Eu queria que o professor Beakman pudesse ver isso.

Antes que eu pudesse perguntar o motivo, Caleb e Justine começaram a cochichar e Simon agachou-se ao meu lado. Eu estava sentada com os joelhos contra o peito para tentar me aquecer.

– Tudo bem? – ele perguntou.

Fiz que sim com a cabeça e tentei sorrir. Com o passar dos anos, Simon se tornou o irmão mais velho protetor não só para Caleb, mas para Justine e para mim também.

– Com um pouco de frio e desejando que a sola de borracha do meu tênis fosse mais grossa, mas, fora isso, tudo bem.

Ele me entregou uma blusa de lã marrom que tirou da mochila.

– O mundo não vai acabar por causa disso, sabe. É só um dia. A gente tem o verão todo. E o próximo verão, e o verão depois do próximo.

– Obrigada – desviei o olhar, envergonhada. Ele foi sincero, mas eu não precisava de nada para me lembrar do meu fracasso logo depois que ele aconteceu.

– É sério – ele disse com a voz baixa, porém firme. – Quando você estiver pronta, ou se nunca estiver, tudo bem.

Coloquei a blusa, feliz com a distração.

– Novo plano – Justine anunciou.

Segurei na mão que Simon havia estendido e fiquei de pé. Justine e Caleb conseguiram se desgrudar, mas só tempo suficiente para Justine deixar as toalhas caírem no chão. Os dois agora estavam de mãos dadas e de costas para a beira do penhasco.

Justine sorriu.

– Só porque o tempo é curto não significa que a gente não possa comemorar o primeiro dia oficial do que, com certeza, será o melhor verão de todos.

– Voltando para casa e tomando um belo chocolate quente? – sugeri.
– Nessa bobinha! – Justine me mandou um beijo. – Caleb e eu vamos dar mais um salto.

– Com um giro – Caleb acrescentou.

Enquanto eles trocavam olhares, eu olhei para Simon. Sua boca estava aberta, como se estivesse esperando que o cérebro encontrasse as palavras que causariam o maior impacto no menor espaço de tempo. Os músculos que acabara de ganhar nas largas costas enrijeceram-se sob a fina camiseta de algodão. Suas mãos, livres ao lado do corpo depois de me ajudarem a levantar, ficaram apertadas e geladas.

– Salto para trás! – Justine exclamou.

– Não – disse Simon. – Sem chance.

Não pude deixar de sorrir. Era exatamente isso o que eu mais adorava, e invejava, em Justine. Enquanto eu ainda dormia com a luz acesa, não conseguia ler Stephen King e era fisicamente incapaz de saltar com perfeição e segurança de um penhasco, Justine vivia para a adrenalina que eu a todo custo tentava evitar. Aqui estávamos nós, a poucos minutos de ficar encharcados e exaustos, e ela queria garantir a chance de descarregar sua energia saltando de costas em direção a um redemoinho.

– Vai levar dois minutos – Caleb disse. – Vocês podem descer assim que saltarmos, e nos encontramos no caminho.

– Vocês sabem que a maré fica estranha quando o tempo está assim – Simon disse. – A água já está bem mais rasa do que estava no último salto.

Justine olhou para baixo por cima dos ombros.

– Não pode ser assim tão ruim. Vamos ficar bem.

Fiquei observando minha bela irmã mais velha, com seus cabelos castanhos, agora secos o suficiente para esvoaçar em longas mechas de um lado para o outro. Não havia nada que eu pudesse dizer; uma vez decidida, Justine não dava espaço para negociação. Enquanto sorria para mim,

seus olhos brilhavam em contraste com as escuras nuvens que pareciam engolir o que restava do céu.

Um raio de neon branco rasgou o céu de repente, caindo perto o suficiente para fazer o chão tremer. O vento ganhou força, arrancando folhas das árvores e levantando poeira do chão. Um longo galho veio em minha direção como uma flecha saindo de um arco. Cobri a cabeça com as mãos e ele caiu no chão. A chuva começou, caindo suavemente no início e depois mais forte, a ponto de a blusa de lã de Simon ficar grudada nas minhas costas e a água fria escorrer pelo meu rosto. Fiquei imóvel, esperando que o forte ataque cessasse da mesma forma rápida como começara, mas o ar ficava cada vez mais frio, o vento mais forte e o trovão mais alto.

A rocha estremeceu debaixo de mim, me fazendo tremer ainda mais do que eu já tremia. A vários metros de distância, Simon se curvou com a força do vento, usando todo o seu peso para permanecer de pé enquanto passava para o outro lado do penhasco, carregando as toalhas e roupas de Justine e Caleb. Gritei por ele, mas minha voz se perdeu no meio da chuva torrencial e das rajadas de vento.

Arrastando-me com dificuldade, mas permanecendo próxima ao chão, tentei olhar para a beira do penhasco em meio à escuridão e aos entulhos arrastados pelo vento. Quando outro raio dividiu o horizonte ao meio, pude ver tudo como se o sol brilhasse acima de mim.

Ela se foi.

Protegendo o rosto com os braços, corri em direção à beira do penhasco. Um terceiro raio caiu em minha frente e pude ver como estava perto de completar minha missão: sair correndo das rochas em direção ao ar rarefeito. Tentei parar, mas o chão estava escorregadio. Caí de costas, e uma perna foi para frente. O detalhe prateado do meu tênis reluziu com o clarão de outro raio, e vi meu pé voando sobre o penhasco. Aos gritos, pus as mãos para trás e agarrei-me ao chão.

Um, dois...

Trovejou e o penhasco estremeceu debaixo de mim. Contar os segundos entre os raios e suas inquietantes consequências normalmente me acalmava durante fortes tempestades, mas isso porque a maioria delas não caía diretamente na minha cabeça.

– Eles estão bem!

Simon. Ele agarrou minha cintura, me puxando para cima e para longe da queda. Em seguida, pegou minha mão e deu um passo em direção à beira do penhasco. Depois de vários longos segundos, ele apertou minha mão e apontou.

O relâmpago então veio mais rápido, fazendo com que fosse mais fácil ver a água. O mar se revolvia enquanto pequenas ondas batiam nas rochas ao redor. Árvores finas que pontilhavam a margem se inclinavam para um lado e depois cediam bruscamente, os troncos estreitos como palhas flexíveis ao vento. Balancei negativamente a cabeça, certa de que Simon estava vendo coisas – e então a avistei, uma lasquinha branca avançando em meio à escuridão. O braço de Caleb estava em torno dela enquanto eles meio que corriam, meio que se arrastavam pelas rochas em direção à trilha.

Ela estava bem. É *claro* que estava bem.

Simon olhou para mim para ter certeza de que eu os tinha visto e depois me puxou para trás. De algum modo, meus pés conseguiram se mover e eu saí correndo atrás dele pela clareira, para dentro da trilha coberta de vegetação. Os galhos e as raízes que erguemos e nos quais pisamos durante a subida agora batiam em nós e nos faziam tropeçar, mas não diminuimos o ritmo. Meu coração batia forte, e eu tentava ignorar a sensação de que, enquanto corríamos pela floresta, algo ou alguém corria ainda mais rápido atrás de nós.

Depois de descermos quase quinhentos metros, nosso caminho se juntou a outro que eu não havia notado na subida. E não teria notado agora se não fosse Simon virar para trás e à esquerda.

Parei de repente quando vi a razão para o desvio inesperado.

Justine. Ela estava nos braços de Caleb, e um espesso rastro de sangue escorria de um corte no joelho, descia lentamente pela panturrilha e parava no pé.

É só sujeira, ou uma alga...

– Nessa! – Enquanto Simon a tirava dos braços de Caleb, ela pegou minha mão e a beijou. – Estou bem, eu juro. Eu poderia ter feito o passeio sozinha, mas alguém quis bancar o herói.

– Tenho algumas coisas no carro – Simon disse, seguindo na direção da trilha principal com Justine nos braços.

Olhei para Caleb. Seu rosto estava tão tenso enquanto ele olhava os dois na trilha que era difícil imaginar o menino risonho e convencido que estava de namorico com Justine havia alguns minutos.

– Sua irmã – ele balançou a cabeça e olhou para mim.

– Eu sei.

Nós dois sabíamos. A culpa não era dele. Nem minha, nem de qualquer outra pessoa. Se Justine quisesse passar nua por um círculo em chamas, ela passaria. Você poderia esperar por perto com um roupão e um extintor de incêndio, mas isso seria o máximo que poderia fazer.

Seguimos a trilha atrás deles. Quanto mais corríamos, mais leve a chuva caía. Os trovões ficaram mais suaves, e os segundos entre os estrondos, mais longos. Até o vento diminuiu, passando de fortes rajadas para uma brisa normal de verão. Quando chegamos ao velho Subaru verde de Simon, estacionado ao lado da estrada de terra, as nuvens diminuíram o suficiente para revelar pedaços de céu azul.

– Viram? – Justine gritou enquanto corríamos na direção deles. Ela estava sentada no porta-malas aberto, balançando as pernas para frente e para trás enquanto Simon fazia um curativo na perna machucada. – Foi só um arranhão.

– Não foi só um arranhão – Simon disse –, mas não vai ser preciso ir ao pronto-socorro.

Caleb colocou a mão no pescoço dela e beijou sua testa.

– Querida, você precisa ter cuidado.

Ela abriu a boca, mas a fechou em seguida, quando Caleb pôs a mão em seu rosto. Enquanto o polegar do rapaz acariciava delicadamente sua pele, ela inclinou a cabeça e seus olhos se derreteram.

– Você sabe que eu topo umaaventurazinha, mas eu ficaria arrasado se alguma coisa acontecesse...

– Eu sei – ela tirou a mão dele do rosto e lhe beijou a palma. – Sinto muito. Eu sei.

Eu assistia a essa troca de palavras com um misto de alívio e perplexidade. Eu estava feliz de ver que ela estava bem e achei bonitinho o Caleb estar tão preocupado, mas eles não se viam desde a nossa última viagem para o norte, no Natal. Sem dúvida, para duas pessoas que saíam de vez em quando, eles pareciam muito ligados emocionalmente. Isso me fez pensar que os amassos eram excepcionalmente bons ou que emocionantes experiências de quase-morte uniam as pessoas. Eu não saberia dizer quais eram os efeitos de nenhuma das duas possibilidades.

– Você vai precisar lavar a ferida – Simon disse, fechando o curativo de Justine. – Mas isso vai ajudá-la a chegar em casa.

– Muito obrigada, dr. Carmichael – Justine pegou a mão de Caleb e saltou no chão, caindo sobre o pé bom. – Vou ganhar um pirulito?

Simon deu uma olhada para ela, o que levou Caleb a prontamente conduzi-la para a lateral do carro e colocá-la no banco de trás.

Ajudei Simon a guardar a gaze e o esparadrapo.

– As coisas realmente começaram cedo este ano, hein?

Com as mãos congeladas, ele empurrou o *kit* de primeiros socorros para baixo e fechou a caixa. Olhou para mim com os olhos fixos nos meus, como se quisesse dizer algo, mas sem saber se devia. Finalmente, estendeu a mão para apertar meu ombro.

– Se quiser se secar, tem um cobertor velho no banco da frente.

Ele fechou o porta-malas e foi para o banco do motorista. Olhei mais uma vez para o céu, que agora estava tão azul como quando havíamos chegado, depois dei a volta no carro e me sentei no banco do passageiro. Ali, tirei a blusa de lã enquanto Simon relaxava em seu banco e Caleb e Justine faziam sabe-se lá o que em silêncio no banco de trás.

– Então... – eu disse, já que ninguém se mexeu ou falou depois de alguns minutos. – O que *foi* aquilo?

Simon olhou para mim e depois para o para-brisa, na direção da trilha. Ele riu uma vez e deu um longo e profundo suspiro.

– Foram os penhascos de Chione dando boas-vindas.

Mudei de posição, sabendo o que encontraria quando olhasse por cima do ombro para o banco de trás.

Justine, encolhida debaixo do braço de Caleb e com a perna machucada escorada em um cobertor de lã dobrado, estava sorrindo de orelha a orelha.

– Que emoção! – ela disse, alegre.



– Que fraude!

– Fraude? – Justine levantou o prato quando nosso pai apareceu com outra travessa de bife grelhado. – O que significa isso?

Ele espetou dois pedaços de carne com um garfo, depois olhou para a grade do terraço, em direção ao lago Kantaka.

– Fraude. Um ato de engano sagaz, geralmente com a intenção de não ser pego.

– Eu sei o que a palavra *significa*, pai. Mas você acha mesmo que eu arranhei a perna escalando rochas na praia para escapar de um sequestro? Será que os sequestradores perdem o interesse por causa de um pouco de sangue? E quem está fazendo os sequestros? Salva-vidas malucos? Caçadores de conchas pirados? O abominável homem das neves?

Sorri com a caneca de chá quente na boca. *Havia* uma pessoa que provavelmente sequestraria Justine se tivesse a chance e, levando em conta minhas observações anteriores, ela provavelmente iria por livre e espontânea vontade. No entanto, eu não podia fazer piadas sobre isso em voz alta, uma vez que nossos pais ainda achavam que Caleb e Simon eram os mesmos “meigos meninos Carmichael” que conheciam desde bebês. Eles sabiam que passávamos muito tempo juntos no verão, mas, definitivamente, não sabiam o que metade de nosso grupinho havia feito a maior parte do tempo nos últimos anos. E Justine havia deixado claro que queria deixar as coisas assim.

– O abominável homem das neves, hein? – papai pôs um bife no prato de Justine e colocou a travessa novamente sobre a grelha. – É disso que eles me chamam agora?

Justine e eu olhamos uma para a outra, cada uma em um lado da mesa, e rimos. Papai tinha um metro e noventa e três de altura e normalmente se inclinava para frente, algo que atribuía ao fato de ter de lidar com as portas mais baixas de “antigamente”, mas que muito provavelmente era consequência de quarenta anos passados na frente do computador. Sua estrutura física desleixada, mas imponente, mais os cabelos crespos grisalhos e a barba cheia, lembravam a lendária criatura.

– O que aconteceu com o querido papai? Com o melhor pai do mundo? O superpai? – Ele se sentou e serviu-se de outro copo de vinho tinto. – E qual foi o mais recente? Enorme alguma coisa?

– Paizão – Justine disse, fingindo estar irritada, como se não pudesse acreditar que ele havia se esquecido de um dos apelidos carinhosos que ela criara para ele.

– Certo. Eu ainda não sei se deveria me sentir ofendido com esse – ele esfregou a barriga redonda. – Mas pensei em outro quando estava chegando em casa que acho que deveríamos incluir o mais rápido possível em nosso bate-papo diário.

– Vamos pensar no assunto – disse Justine.

Ele pegou um pãozinho de dentro de uma cesta no centro da mesa, arrancou um pedaço e o enfiou na boca.

– Rei.

– Rei? – Justine perguntou. – Rei o quê?

Ele encolheu os ombros.

– É isso. Apenas Rei.

– Nada mal... Mas isso, tecnicamente, faria da mamãe Rainha. E, falando sério, não acho que ela aceitará numa boa ser a segunda no comando, nem que seja só pelo título.

Justine olhou para nossa mãe para confirmar.

Mamãe, que estava cortando seu bife com uma faca como se ele fosse de aço e não de carne, fez uma pausa.

– Não posso acreditar que você ainda faz isso.

– As meninas estão crescendo – ele admitiu –, mas sempre serei o paizão delas, até a idade me pegar e eu começar a encolher. Aí eu vou ser... o pequeno paizão? O paizão médio? O grande paizão?

– Você pode ser o Grande Mestre do Universo para sempre. A questão não é essa.

Ele ergueu as sobrancelhas, considerando o título sugerido e não o fato de nossa mãe não ter achado graça. Não que isso fosse fora do normal, já que ela raramente se divertia. Ela sempre foi a mais séria dos dois, a disciplinadora. Ela era presidente da Franklin Capital, uma empresa de serviços financeiros em Boston, e meu pai, escritor e professor de literatura norte-americana na Newton Community College. As qualidades exigidas para as respectivas profissões normalmente expressavam a vida deles em casa.

– Então qual é o problema, querida? – Inclinando-se sobre a mesa, ele tirou com delicadeza o garfo e a faca das mãos dela e assumiu a tarefa aparentemente árdua de cortar o bife.

– Você tem 18 anos – mamãe fez cara feia para Justine. – Você é adulta. Os erros que comete agora contam de verdade.

– Então talvez eu fique com uma pequena cicatriz para o resto da vida – Justine disse. – Grande coisa!

– Você tem sorte de ter saído dessa só com isso.

Justine olhou para mim, e o sorriso que tinha no rosto desde que subiu no Subaru de Simon desapareceu.

– Mãe, uma tempestade pegou a gente, e nós escorregamos em algumas pedras. Acidentes acontecem.

– Acontecem. E se você tivesse 8 anos e estivesse mesmo na praia, eu beijaria seu joelho e tudo ficaria bem.

– Uau! – exclamei, apontando para o lago. – Os Beazley finalmente conseguiram uma canoa nova. É tão... comprida.

Ao terminar de cortar o bife da mamãe, papai colocou a faca e o garfo de volta no prato dela e se inclinou em minha direção.

– Nota dez pelo esforço, mocinha.

Justine balançou a cabeça.

– Estou confusa.

Tentei chamar a atenção da mamãe para poder pedir em silêncio que ela não dissesse o que estava prestes a dizer, mas não adiantou. Ela estava em uma missão – e prestes a me deixar em sérios apuros com a pessoa que eu sempre queria deixar feliz.

– Vocês não estavam na praia, Justine. Estavam nos penhascos de Chione.

Prendi a respiração. As palavras foram seguidas pelo silêncio.

– Impossível – Justine finalmente disse, pegando o guardanapo que estava em seu colo. – Nunca ouvi falar desse lugar.

– Sério? Então, que penhasco perigoso é esse que sua irmã mencionou?

Fechei os olhos e me recostei na cadeira. Eu não precisava olhar para Justine para saber que ela agora me encarava, com uma expressão de espanto, dúvida e mágoa.

– No último verão – mamãe continuou –, você saiu e a Vanessa ficou aqui, chateada. Perguntei qual era o problema e ela me contou como você tinha achado o penhasco, que vai lá todos os anos e que ela se sentia mal por causa do medo terrível que tem de pular.

– Falando nisso, talvez devêssemos dar um mergulho rápido no lago depois do jantar – disse o papai, despreocupado. – O que acham?

– A gente combinou que não contaria – Justine me falou, como se fôssemos as únicas à mesa. – Dissemos que era uma coisa nossa. Era isso que a tornava tão especial.

Olhei para cima.

– Eu sei, eu...

– Não culpe a Vanessa – mamãe disse.

Enquanto Justine se largava desanimada na cadeira, papai passava manteiga em um pãozinho e mamãe esvaziava sua taça de vinho, revirei meu cérebro freneticamente à procura das palavras que melhorariam a situação. Eu queria dizer a Justine que não tive a intenção de contar nada, que só estava frustrada comigo mesma depois de nossa ida ao penhasco no verão passado e que o que me deixava frustrada era o fato de ter medo de tudo nos últimos dezesseis anos. Eu queria dizer a ela que a mamãe estava no lugar errado na hora errada e que ela prometeu não dizer nada, contanto que eu fizesse o possível para impedir Justine de saltar sempre que fôssemos ao penhasco de novo – e que eu não tinha feito isso porque não gostaria de impedir minha irmã de fazer algo que a deixasse feliz. E eu queria dizer a ela que sentia muito, muito mesmo, por tudo isso.

Mas eu não podia. Eu não podia dizer nada. Talvez porque estivesse com medo de que tudo desse errado, mas as palavras simplesmente não vieram.

– E quais são seus planos com esse menino Carmichael? – mamãe perguntou.

Meus olhos se arregalaram quando deixei de olhar para a mamãe e olhei para Justine. Eu definitivamente não havia dito uma única palavra a ninguém sobre Caleb.

O rosto de Justine ficou vermelho.

– Meus *planos*?

– Entre saltar de penhascos e fazer sabe-se lá o que com um menino bonitinho que não saberia a diferença entre um *videogame* e um *laptop*, você está arriscando todo o seu futuro. Dartmouth. Faculdade de medicina. Anos de sucesso e felicidade.

– O bife não está uma delícia? – papai perguntou. – Nem muito malpassado nem muito seco.

– Não acho que um pouco de diversão vá arruinar minha vida – Justine empurrou a cadeira para trás, soltando faíscas pelos olhos azuis no cinzento anoitecer. – E, além disso, existem coisas mais importantes do que estudar em uma das melhores universidades do país e ganhar dinheiro.

– O Paizão aqui tem uma ideia – ele disse, lambendo os dedos. – Que tal deixarmos isso pra lá por enquanto e retomarmos amanhã, depois de uma boa noite de sono?

Justine se levantou, batendo com o joelho bom na mesa e balançando os pratos e copos. Ela se inclinou em minha direção quando passou por mim, com os olhos ainda mais brilhantes do que o normal, como se estivessem iluminados lá no fundo. Virou a cabeça para que a mamãe e o papai não pudessem ver o seu rosto e disse uma palavra, alto o suficiente para que eu ouvisse.

– *Buuuuu.*

Lágrimas quentes brotaram em meus olhos. Atordoada, eu a vi atravessar o terraço e entrar em casa, deixando a porta de tela bater assim que passou por ela.

– Só quero que ela ande nos eixos – mamãe disse depois de uma pausa.

– E eu só quero que alguém me ajude a pintar a varanda da frente – papai disse. – Eu estava zombando do lance de ela ter usado o arranhão como um artifício para se safar, mas agora eu vou ter que fazer tudo sozinho.

Ignorando os dois, olhei para o lago.

Buuuuu. Nada de “Muito obrigada”, ou “Desta vez você realmente conseguiu”, ou mesmo “Agora você está por sua própria conta e risco”, o que provavelmente teria trazido lágrimas aos meus olhos, mas não teria feito a minha pele formigar como aquela única palavra fez.

E naquele momento eu não tinha como saber, mas aquela seria a última palavra de Justine para mim. Nos dias e semanas que se seguiram, eu ficaria repassando o momento várias vezes na cabeça, vendo seus olhos azuis, ouvindo sua voz suave e, por alguma razão, sentindo o cheiro de água salgada, como se ela ainda estivesse ao meu lado no alto do penhasco, com a pele e o cabelo molhados pelo mar.

Z

QUANDO OUVI A PRIMEIRA sereia, eu estava de pé na areia, vendo a água bater em meus pés descalços. Um vento cortante chicoteava minha saia em volta de minhas panturrilhas e levava os sons das risadas de mamãe, papai e Justine até a praia. O suave lamento começou logo que a espuma envolveu meus tornozelos, como fazia quase todas as noites por dois anos. Só que dessa vez ele não desapareceu quando fui puxada e arrastada para baixo. Ficou mais alto. Mais próximo. E era acompanhado pelo de outra sereia, e outra, até que pude ouvi-las e ver luzes vermelhas, brancas e azuis piscando, como se carros de polícia tivessem entrado no mar.

– Você devia comer alguma coisa.

Pisquei. As luzes se foram, substituídas por canecas verdes de café. Ao meu lado, um homem de terno cinza encostou no balcão e mandou um *cannoli* para dentro da boca.

– Comida boa pode ser o melhor remédio – ele disse.

Remédio. Como se eu estivesse doente. Como se isso fosse uma alucinação que passaria assim que minha febre baixasse.

– Obrigada.

Na tentativa de apagar a imagem recorrente do acidente, a que eu estava revivendo em meus sonhos desde que os policiais nos disseram que haviam encontrado Justine, peguei uma caneca e me virei para a cafeteira.

Não era culpa dele. Ele era um dos colegas da mamãe. Ele não me conhecia e não conhecera Justine, mas se sentia obrigado a dizer *alguma coisa* enquanto apreciava massas italianas com outros colegas. O que mais havia lá? Que tragédia! A menina tinha a vida toda pela frente! O que você está achando do Red Sox nesta temporada?

– A voz de quem clama no deserto – eu disse quando me virei e ele ainda estava ali. Não saber o que dizer era uma coisa, ficar à toa esperando outra chance era um pouco demais.

– Como? – ele disse.

Levantei minha caneca.

– *Vox clamantis in deserto*. Slogan da Dartmouth. Um tanto apropriado, não acha?

– Vanessa, querida, me ajude com esses *muffins*? – mamãe me pegou pelo braço e me fez atravessar a cozinha. – Querida, eu sei que é difícil, mas temos convidados. Eu agradeceria se você pudesse ser uma anfitriã agradável.

– Desculpe – eu disse quando parei junto a um balcão forrado de bandejas de doces. – Só não sei o que dizer. Parte de mim quer se trancar no banheiro pelo resto do dia, e a outra parte quer...

– Você comeu? – ela perguntou, empurrando um bolinho. – Aqui, coma um de nozes.

Peguei o bolinho sem saber ao certo o que dizer. Mamãe havia chorado por cinco dias seguidos, desde o momento em que os policiais bateram na porta da casa do lago até quando chegamos em nossa casa em Boston, e desde então ficou sem lágrimas e planejando festas. Ela não chorou nem no enterro, quando o choro de todos os amigos e colegas de escola de Justine fez os pássaros voarem das árvores e levou o padre

a gritar suas preces. Eu também não chorei no enterro, nem em momento algum antes ou desde então, mas minhas razões eram muito diferentes.

– Você pode dar uma olhada no seu pai? – mamãe disse, levantando uma bandeja do balcão. – Faz uma hora que não o vejo, e os convidados estão começando a perguntar por ele.

Eu queria dizer que, se os nossos “convidados” não entendiam que o Paizão precisava ficar um pouco sozinho, então talvez deveriam procurar outra festa, mas ela se virou bruscamente e desapareceu pela porta da cozinha antes que eu pudesse falar.

Joguei o bolinho no lixo e me virei para o armário onde estavam as xícaras de café, mantendo os olhos abaixados para evitar mais alguma dica saudável e útil dos colegas de trabalho da mamãe. As canecas de Dartmouth ainda estavam alinhadas na primeira prateleira, onde mamãe começou a exibi-las assim que recebeu a remessa da parafernália da faculdade duas semanas antes.

“*Vox clamantis in deserto*”, Justine leu em voz alta na época. “Eu adoro o modo como esses lugares tentam impressionar com seu amor pelas línguas mortas. Fala sério, o que isso importa? Por que não dizer simplesmente ‘Obrigado por desembolsar mais quinze dólares pela prova concreta de que você é importante o suficiente para investir duzentos mil dólares em uma oportunidade para seu filho rico ficar bêbado com outros garotos ricos no meio do nada?’”

“Bem”, eu disse, “provavelmente porque isso não caberia em um chaveiro” – dos quais mamãe encomendou duas dúzias para distribuir no escritório.

Peguei a caneca do meio e a enchi de café. Ainda de olhos baixos, peguei as duas canecas e atravessei correndo a cozinha em direção à porta da escada dos fundos.

A escada dos fundos sempre foi nossa rota de fuga, minha e de Justine, em coquetéis, jantares e até nas discussões entre nossos pais. À medida

que ia subindo, eu pensava na última vez em que procuramos refúgio ali, durante a festa de Natal da mamãe. Enquanto duzentos convidados viravam taças de champanhe, Justine e eu nos sentamos na escada, com seu edredom em volta de nossos ombros, chupando confeitos de Natal e nos embriagando de gemada com conhaque. Naquela noite, tentamos fingir que não estávamos nos escondendo dos colegas bêbados da mamãe em nossa casa no centro de Boston, mas nos escondendo da mamãe e do papai em nossa casa do lago, em Maine, sem fôlego e ansiosas enquanto esperávamos para ver o Papai Noel descer pela velha chaminé de pedra.

Agora eu subia os degraus devagar, consolada pela luz fraca e pelo revestimento escuro. Bloqueei o pensamento assim que ele me passou pela cabeça, mas, por um momento passageiro, me dei conta de como era estranho estar ali... sozinha. Não estive sozinha em lugar algum durante toda a semana e, com certeza, em nenhum lugar onde estivera apenas com Justine.

Chegando ao patamar, parei e esperei. Após alguns segundos, pisquei e esperei mais uma vez. Nada. Nem mesmo revisitar um dos nossos lugares preferidos trouxe lágrimas aos meus olhos.

Continuei pelo corredor, com as batidas do coração cada vez mais rápidas. Eu não havia entrado no quarto de Justine desde que estávamos nos preparando para ir a Maine, na semana anterior, quando a vi experimentar o guarda-roupa todo enquanto procurava a roupa perfeita para usar na viagem ao norte. Quando saímos, saias, vestidos e regatas forravam o chão como algas marinhas na praia após um refluxo. Naquele momento eu não sabia ao certo do que tinha mais medo: de que as roupas ainda estivessem lá, exatamente como ela as deixara... ou de que não estivessem.

Fechando os olhos, virei-me para a porta. Estiquei o braço até minha mão alcançar a maçaneta. O metal debaixo de meus dedos estava frio, e esperei minha pele se acostumar com a temperatura antes de apertar a mão.

É só a Justine. São só as coisas dela. Tudo vai ficar como ela deixou, porque ela vai voltar. Logo vamos voltar à casa do lago e tudo vai voltar a ser como deveria.

Abri a porta. Um pequeno som escapou de meus lábios entreabertos.

Não eram meus medos ancorados lá no fundo vindo à superfície. E não era o fato de que, comparado ao corredor, o quarto de Justine estava quente como um forno.

Era a água salgada. O cheiro era tão forte, o ar estava tão denso com a umidade, que, se não abrisse os olhos, eu acharia que estava na beira do mar.

– Você se acostuma.

Abri os olhos. Nosso Paizão estava sentado no chão no meio do quarto.

– Deve haver algum problema com os canos. Vou chamar o encanador amanhã – ele soou exausto e parecia exausto também. Os cantos de sua boca caíram em direção ao queixo. Seus olhos azuis estavam apagados e os ombros caídos para frente. Nosso abominável homem das neves havia perdido sua força.

– Paizão – eu disse, entrando no quarto –, sei que é difícil, mas nós temos convidados. Eu agradeceria de verdade se você pudesse ser um anfitrião agradável.

Um dos cantos de sua boca se levantou quando ele pegou a caneca de Dartmouth. Ele sabia que as palavras não eram minhas.

– Sua mãe está superando, Vanessa. Todos nós estamos.

Eu não disse nada quando me sentei ao lado dele. Até aquele momento, a única coisa que a minha mãe e eu tínhamos em comum era nossa adoração por Justine. Eu não entendia por que a mamãe trabalhava tanto, fazia compras com tanta frequência ou se esforçava tanto para impressionar estranhos. Eu não entendia por que, das cem pessoas que estavam lá embaixo, apenas dez ou algo assim seriam capazes de distinguir Justine de mim no cartão de Natal da família Sands. Grande parte do que

a mamãe fazia não tinha sentido para mim. Mas o papai achava que ela era o sol, a lua e as estrelas e, por essa razão, fiquei quieta.

– Ela é linda – papai disse depois de alguns minutos.

Acompanhei seu olhar até o mural repleto de fotos que estava pendurado logo acima da escrivaninha de Justine, e desejei que meus olhos se enchessem de água. Porque lá estava ela. Fazendo *rafting* em Berkshires. Andando a cavalo em Cape. Com amigos do cursinho preparatório de Hawthorne. Fazendo caminhada no monte Washington, em New Hampshire. E, em minha fotografia favorita, a que Justine ampliara para 15x20 e que estava no centro da montagem, pescando em nosso velho barco vermelho no lago, em Maine, comigo.

– Eu me lembro de tirar essa – disse papai. – Fiquei imaginando o que ela havia dito para fazer você rir.

Ele tirou a foto do dique atrás da casa quando estávamos de costas para a câmera. A cabeça de Justine estava um pouco virada para mim, e a minha estava totalmente inclinada em direção ao céu. Meus ombros estavam levantados, quase chegando às orelhas, um reflexo físico que eu tinha sempre que algo me fazia rir até lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Pisquei. Nada.

– Imaginei que fosse papo de menina – ele continuou. – Maquiagem. Meninos. Coisas do maior sigilo que era melhor eu não ficar sabendo.

– Provavelmente – eu disse. – Considerando a porta giratória amorosa de Justine, o papo de menina sobre meninos normalmente durava um bom tempo.

– Eu ainda não entendo por que ela precisava de toda aquela atenção – ele disse, pensativo. – Ela era tão radiante, tão bonita e talentosa. Mas era como se não acreditasse, a menos que um menino diferente dissesse isso a ela toda semana.

Eu não disse nada. Justine não *precisava* de atenção, ela simplesmente a tinha.

Tomamos nosso café em silêncio. Depois de um instante, ele deu um longo suspiro.

– Preciso ir bancar o anfitrião por um tempo – ele disse, ficando em pé. – Você vai ficar bem?

Fiz que sim com a cabeça. Ele tocou levemente minha cabeça com uma das mãos antes de sair do quarto e fechar a porta.

Pisquei e esperei outra vez. Como as lágrimas não vieram, me virei para a fotografia do centro e pensei no que meu pai acabara de dizer. Aquilo não fazia sentido. Mas agora nada fazia muito sentido.

A polícia alegou ter sido um acidente, que Justine simplesmente pulou do penhasco na hora errada. Estava escuro. A maré estava alta. O comandante Green disse que a água estava tão funda e as correntezas tão fortes que o próprio Tritão, o deus grego do mar que fazia as ondas irem e voltarem com um sopro em seu búzio, não conseguiria resistir. O médico-legista concordou.

Eu não.

Sim, Justine era uma caçadora de emoções. E, naquela noite, talvez ela tivesse desejado provar alguma coisa. Mas ela era inteligente demais para fazer algo tão imprudente.

Enquanto meus olhos percorriam o mural, notei finas linhas escuras entre as fotos. Era como se alguém tivesse usado um marcador de texto no mural... exceto pelo fato de que a linha não estava traçada no cetim marfim que cobria o restante do quadro. O pano de fundo atrás das fotos era branco.

Eu me levantei e fui até a escrivaninha para ver melhor, e notei que as linhas eram, na verdade, palavras.

Nome. *E-mail*. Telefone. Caucasiana. Pai e mãe. Decisão precoce. Ajuda financeira. *Campus*. Escolaridade. Ensino médio. Vestibular. Teste psicotécnico. Aptidões extracurriculares. Prêmios/homenagens.

Eu estava para arrancar a primeira tachinha roxa quando me senti pouco à vontade. Até culpada. Como se estivesse bisbilhotando a escrivi-

nha de Justine à procura de seu diário e estivesse prestes a ler sobre beijos secretos e conversas particulares que ela gostaria de guardar para si.

– Desculpe – sussurrei antes de arrancar a primeira tachinha.

Segundos depois, as cinquenta ou mais versões do sorriso de Justine se foram. Dei uns passos para trás para dar uma olhada no mural inteiro.

Havia adesivos para carros. Sete deles coletados pela mamãe nas viagens com Justine para Harvard, Yale, Princeton, Brown, Stanford, Cornell e Dartmouth. Eles formavam um grande círculo acadêmico ao redor de uma planilha e uma cópia impressa da ficha de inscrição para a faculdade. A planilha tinha uma lista de faculdades e três colunas com os respectivos prazos, datas de apresentação de documentos e datas de resposta. A coluna com os prazos estava preenchida com números com a bela caligrafia da mamãe, as outras estavam vazias. A ficha de inscrição estava em branco, exceto pelas anotações e sugestões de resposta da mamãe. Meus olhos rapidamente se fixaram na página central: a redação. Havia no alto um adesivo verde no qual ela havia sugerido que Justine escrevesse sobre quem era e quem gostaria de ser. A resposta de Justine era curta.

“Desculpe, eu não sei. Mas você também não.”

Fiquei olhando para as palavras. Posso ter levado mais tempo do que deveria para encontrá-las, mas eu soube de imediato o que significavam: Justine não teria ido para Dartmouth no outono. Nem para Harvard, Yale, Princeton, Brown, Stanford ou Cornell, pois, antes de frequentar sua futura universidade, você precisa se inscrever. E, ao que parecia, Justine não havia se inscrito em nenhuma.

As pessoas lá embaixo estavam reunidas para celebrar a vida de Justine, para refletir sobre seu potencial perdido e sobre todas as coisas que ela nunca faria, os lugares aonde nunca iria. Eu estava certa sobre uma coisa: nenhum dos convidados desconhecidos se empanturrando de comida fazia a menor ideia de quem ela realmente era. Mas eu estava assustadoramente errada sobre outra coisa.

Nem eu sabia quem ela era.

Uma porta bateu no corredor, trazendo-me de volta ao presente. Tirei a redação do mural e, da escrivania, a fotografia de Justine comigo no barco, pendurei novamente as outras e atravessei correndo o quarto.

Eu estava para escapulir pelo corredor quando minhas mãos se moveram na direção de meu rosto, cobrindo meu nariz e minha boca.

Água salgada. Eu me acostumei com o cheiro enquanto estava no quarto, mas estava mais forte perto da porta; avassalador, como se uma onda gigante já tivesse engolido o restante da casa e esperasse do lado de fora do quarto de Justine um convite para entrar. Era tão forte que tive de olhar para baixo para minha cabeça não girar.

– Ah, não – tirei as mãos do rosto. – Ah, Justine...

Uma toalha de praia amassada estava enfiada contra a porta do armário. Era grossa e branca... com o desenho de uma lagosta sorridente coberta de pedaços de algas verdes e pretas.

A toalha de praia de Caleb, em que ele havia envolvido Justine antes de agarrá-la no alto dos penhascos na semana passada. Ela estava aqui em Boston, seca e dura de sal.

Caí de joelhos e peguei a toalha. Justine estivera em casa. Em algum momento entre o ataque durante o jantar na casa do lago e o fim da manhã seguinte, quando seu corpo foi encontrado, Justine voltou a Boston.

Tudo bem, eu disse a mim mesma, tentando não imaginar o tecido felpudo branco de um lado a outro dos ombros de Justine. *Está tudo bem*.

Só que não estava. Estava tão longe disso que nem pude fingir que a toalha de praia era outra coisa além de mais uma evidência de que, assim como eu pensava que conhecia minha irmã, outra pessoa a conhecia melhor. E, por alguma razão, ela queria que fosse assim.